

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
OS ESTUDOS CULTURAIS E OS CURRÍCULOS CONTEMPORÂNEOS NA  
EDUCAÇÃO BÁSICA

Adriano Sempé Pedroso

**Mediação e ensino da arte**

Problematizações a partir da experiência da Bienal do Mercosul

Porto Alegre

Novembro de 2011

Adriano Sempé Pedroso

## **Mediação e ensino da arte**

Problematizações a partir da experiência da Bienal do Mercosul

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Especialização *Os Estudos Culturais e os Currículos Contemporâneos na Educação Básica*, Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título.

Orientadora:

Prof<sup>a</sup> Me. Rossana Della Costa

Porto Alegre

Novembro de 2011

## **AGRADECIMENTOS**

À minha orientadora, Rossana Della Costa, pelos caminhos e possibilidades indicados, enxergando o que nem sempre é visto, pela paciência e pela ajuda;

à minha família, sem a qual nada disso seria possível;

à minha esposa, pelo auxílio, apoio e compreensão incondicionais;

aos demais professores do curso, bem como aos colegas, pelas reflexões proporcionadas e compartilhadas;

à Maria Margarita Santi de Kremer, pela generosa participação através de suas informações;

à Fernanda Ott, responsável pelo Núcleo de Documentação e Pesquisa (NDP) da Fundação Bienal do Mercosul, pelo auxílio no acesso aos documentos, e à Fundação Bienal do Mercosul, por permitir esse acesso;

aos amigos que, numa simples conversa, dissipavam as dificuldades;

a todos, muito obrigado!

## RESUMO

O presente trabalho tem por finalidade levantar questões acerca da noção de mediação e de sua repercussão enquanto prática de ensino não-formal em artes visuais, a partir da experiência da Bienal do Mercosul. Essas questões são analisadas tendo como referência principal o conceito de *experiência* de Jorge Larrosa. Também são abordados aspectos da competência metafórica da obra de arte (Bernd Fichtner); o conceito de apoio diretivo (a partir de obra de arte de Marcelo Scalzo); o conceito de cultura visual e sua vinculação aos Estudos da Cultura Visual (Fernando Hernández); e são utilizadas ainda outras obras de arte como forma de ilustração de alguns desses conceitos, bem como depoimentos de alunos que ajudam a situar a mediação no contexto educacional. O trabalho busca verificar como a mediação participa da educação em artes visuais (enquanto ensino não-formal), e refletir sobre o resultado das relações entre alunos e obras de arte, ou do público em geral e a produção artística, através da atuação da mediação.

Palavras-chave: Arte. Educação. Mediação. Bienal do Mercosul. Ensino não-formal. Experiência.

## SUMÁRIO

LISTA DAS ILUSTRAÇÕES .....	5
Receptivo .....	6
1. Entre a pedra e o arco. Ou: o que sustenta uma experiência? .....	9
2. A mediação: uma possibilidade para a experiência do ensino não formal .....	15
3. A obra de arte como metáfora para o ensino da arte .....	21
4. Apoio diretivo.....	25
4.1. Isso como isto... ..	26
5. Potencial educativo .....	30
Considerações finais .....	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	36
ANEXO I .....	39

## LISTA DAS ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Rulfo Alvarez, *Excentra*, 2004. ....22

Disponível em: <<http://artnews.org/artist.php?i=7881>> Acesso em: 26/07/2011.

Figura 2 - Francis Alÿs, *Zapatos Magnéticos*, La Habana, 1994. 4ª Bienal do Mercosul.....23

Imagem integrante do conjunto de pranchas de imagens e textos da Ação Educativa da 4ª Bienal do Mercosul.

Figura 3 - Marcelo Scalzo, *Apoio Diretivo*, 1998. ....26

Disponível em: <<http://marceloscalzo.wordpress.com>> Acesso em: 26/07/2011.

## Receptivo

Um grupo de crianças entra no espaço da exposição de arte contemporânea acompanhado de seus professores. Duas outras pessoas, responsáveis pela condução do grupo ao longo da visita, compõem a equipe que faz parte da estrutura da mostra. No percurso pelo espaço expositivo, durante seu relacionamento com os objetos artísticos, olhos observam detalhes, são atraídos, provocados por uma diversidade de elementos, ou se fecham em sinal de desagrado; ouvidos escutam as informações, os questionamentos, e também diferentes sons; alunos conversam, perguntam, relacionam, criticam, interpretam, criam hipóteses. Após o término da visita, retornam ao seu lugar de origem.

O que terá acontecido nessa uma hora e meia de contato com obras de arte?

O presente trabalho tem por objetivo problematizar o conceito de mediação enquanto prática de ensino não-formal em artes visuais, tendo como referência o evento da Bienal do Mercosul e considerando-a como contexto possível a trazer dados para análise. A problematização é construída tendo como enfoque os Estudos Culturais, considerando especialmente seu foco nas transformações na concepção de cultura (COSTA, 2004) e entendendo a arte e seu ensino como construções inseridas em determinada cultura e sociedade. São referências para a pesquisa documentos do arquivo do Núcleo de Documentação e Pesquisa (NDP) da Fundação Bienal do Mercosul, entrevista com Maria Margarita Santi de Kremer, profissional responsável pela execução do Projeto Pedagógico nas três primeiras edições desse evento, e imagens de obras de arte que, além de participar em projetos de diferentes edições da Bienal, trazem imbricadas possíveis relações com o conceito de mediação.

Será considerada aqui a mediação não como uma forma de transmissão de conhecimentos prontos e definidos, recebidos passivamente pelo público visitante, mas como um espaço possível para a realização de uma experiência a partir do contato e relação com as obras expostas. No contexto deste trabalho, interessa a mediação enquanto o momento em que o visitante ou grupo de escolares, por exemplo, tem sua interação, seu contato físico e presencial com a obra de arte mediado por outro sujeito: o mediador.

No caso da Bienal do Mercosul, o contato do público com as obras de arte durante a mediação se dá diretamente no espaço expositivo e faz parte de um conjunto de ações denominadas *Projeto Educativo*<sup>1</sup>, entre as quais também estão o curso de preparação para mediadores, encontros com professores, seminários, oficinas, somente para citar algumas dessas ações.

Considerando esse vínculo com a educação, apresenta-se a questão central desse trabalho: a mediação na Bienal do Mercosul pode ser caracterizada como ensino não-formal em arte?

Nesse sentido o conceito de experiência trazido por Jorge Larrosa Bondia (2004) parece ser profícuo a partir do momento em que é possível pensar que o saber da experiência difere do saber que se relaciona com simples repasse de informações. Essa perspectiva abre possibilidades para o espaço de mediação em um evento como o da Bienal do Mercosul, considerado aqui como um espaço de relações ou um *espaço do acontecer* (LARROSA, 2004, p. 161).

Serão utilizadas também, para auxiliar na reflexão sobre o conceito de mediação relacionado a um espaço não formal de ensino da arte, as contribuições de Luis Camnitzer, pedagogo e artista que defende a interpenetração de aspectos da arte na educação e aspectos pedagógicos na arte, além de ter sido o Curador Pedagógico da 6ª Bienal do Mercosul; Bernd Fichtner, abordando a obra de arte como metáfora e Fernando Hernández, com o conceito de cultura visual e sua vinculação aos Estudos da Cultura Visual.

O primeiro capítulo introduz o assunto da experiência estética partindo da minha própria experiência enquanto visitante em uma exposição de arte. Essa vivência conduzirá reflexões sobre a experiência e o desenvolvimento estético, e a participação da escola nesse processo. Considerando esse contexto, o conceito de *experiência* de Jorge Larrosa apresenta-se como um espaço de ligação entre os aspectos artísticos e os processos educacionais.

Reflexões sobre o olhar e sobre educação não-formal fazem parte do segundo capítulo, bem como uma breve apresentação do tema mediação. Objetivos dos projetos educativos de diferentes edições das Bienais do Mercosul, bem como

---

<sup>1</sup> Às vezes também denominada de *Ação Educativa* ou ainda *Projeto Pedagógico*, essa forma de definir o conjunto de ações educativas vinculadas à exposição variou ao longo das edições da Bienal, conforme FIDELIS (2005).

diretrizes dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), são destacados para estabelecer as relações entre mediação e educação não-formal.

No terceiro capítulo, a partir do conceito da competência metafórica da obra de arte trabalhado pelo prof. Bernd Fichtner, palestrante no curso de formação da I Bienal do Mercosul, analisa-se esse aspecto da obra de arte como metáfora, que é algo bastante presente no momento da leitura da produção artística e que está diretamente relacionado com a prática da mediação quando vinculada a noção de experiência.

No capítulo seguinte, levando em consideração esse aspecto metafórico da arte, utiliza-se a imagem da obra Apoio Diretivo, do artista Marcelo Scalzo, participante da terceira Bienal do Mercosul, por possibilitar relações entre o projeto pedagógico e o conceito de mediação. Essa obra aborda aspectos relativos a possíveis funções da mediação em uma exposição de arte contemporânea, quais sejam: servir como uma referência para o visitante e atuar como um direcionamento da sua experiência no contato com as obras.

O quinto capítulo, ao relacionar três elementos presentes nos capítulos anteriores – o conceito de *apoio diretivo*, o conceito da *competência metafórica da obra de arte*, e a metáfora da terceira margem – procura valorizar o potencial educativo presente na mediação, e tem como referência para essa relação depoimentos de alguns alunos participantes de atividades da 8ª Bienal do Mercosul.

E por fim, procura-se valorizar a existência da mediação enquanto ação educativa, enquanto educação não-formal, objetivo principal deste trabalho. A valorização se dá ao pensar que muitos alunos – especialmente aqueles oriundos de escolas públicas – somente têm ou tiveram acesso direto à determinada produção artística (nesse caso, em artes visuais) a partir da mediação disponibilizada pela Fundação Bienal do Mercosul. E é justamente pelo fato de proporcionar para cada aluno visitante, referências estéticas que apresentam a possibilidade de promover o estranhamento ou deslocamento de uma perspectiva cotidiana para outras, incitando, nesse processo, o exercício do olhar, que talvez resida o valor maior da mediação e a justificativa de sua existência em eventos de arte contemporânea, como a Bienal do Mercosul.

1

## Entre a pedra e o arco. Ou: o que sustenta uma experiência?

*Marco Polo descreve uma ponte, pedra por pedra.*  
 – *Mas qual é a pedra que sustenta a ponte? – pergunta Kublai Khan.*  
 – *A ponte não é sustentada por esta ou aquela pedra – responde Marco – , mas pela curva do arco que estas formam.*  
*Kublai Khan permanece em silêncio, refletindo. Depois acrescenta:*  
 – *Por que falar das pedras? Só o arco me interessa.*  
*Polo responde:*  
 – *Sem pedras o arco não existe.*

(CALVINO, 1995, p. 79)

A visita a uma galeria de arte<sup>2</sup> na cidade de São Leopoldo, proporcionada pela escola e conduzida pela professora de Educação Artística do 2º grau<sup>3</sup>, foi meu primeiro contato efetivo com uma exposição de arte (no sentido formal e institucional do que seja uma exposição).

Pensar sobre essa experiência, comparando-a às atuais ofertas de exposições e espaços culturais, mediações e projetos educativos acessíveis às escolas e ao público, permite algumas reflexões significativas.

Um dos aspectos importantes desse tipo de atividade é o fato de promover uma saída da instituição escola, de existir um deslocamento para, em outro lugar, ter contato com coisas diferentes. E no caso de exposições de arte, no caso de uma Bienal do Mercosul, por exemplo, não são coisas quaisquer, são produções artísticas representativas da contemporaneidade. Naquela visita feita por mim à galeria, não foi diferente: eram pinturas, desenhos, gravuras, esculturas. Algumas delas, formas de arte que até então eu nem sabia que existiam. Objetos simbólicos que provocavam e também desestabilizavam a percepção acostuada com o normal das coisas do dia-a-dia. No que diz respeito ao seu aspecto formal, eram objetos repletos de elementos instigantes: cores, formas, materiais, tamanhos diferentes. A dimensão dos trabalhos, outro elemento importante a ser destacado,

<sup>2</sup> Galeria Gestual, que na época estava sediada na av. João Corrêa em São Leopoldo. Hoje, e há alguns anos, a galeria localiza-se em Porto Alegre, na Rua Cel. Lucas de Oliveira.

<sup>3</sup> Essas eram as nomenclaturas da época, entre 1987 e 1989, período em que estudei nessa escola. Hoje a disciplina e modalidade de ensino seriam denominadas, respectivamente, “Arte” e “Ensino Médio”. A professora em questão era Suzane Wonghon e a escola era Escola Estadual de 1º e 2º Graus Professor Pedro Schneider, atualmente, Instituto Estadual de Educação Professor Pedro Schneider.

era percebida por mim não apenas através do olhar, mas com o corpo todo; em me aproximar e me afastar, no meu deslocamento pelos ambientes. Lembro também de ver as pinceladas, os aspectos técnicos, de prestar atenção em alguns detalhes e de pensar: “mas isso é possível? Como será que foi feito?”.

Rossi (1999) nos fala da importância do contato com a arte e que existe estreita relação entre a frequência com que este contato se dá e o desenvolvimento estético dos indivíduos. Ao desenvolver pesquisa baseada em autores como Abigail Housen e Michael Parsons, a pesquisadora propõe correspondência entre os estágios do desenvolvimento estético e a forma como cada pessoa faz a leitura da obra de arte, quais aspectos são observados e destacados por ela, e o tipo de questionamento feito a partir do contato com essas obras. Quanto mais complexas essas relações e as possibilidades a partir delas, mais complexidade é apresentada no exercício de pensamento do sujeito. Sua pesquisa fala da importância do desenvolvimento estético no sentido não somente de referenciais ou informações, mas, principalmente, como formação cognitiva que traz em seu bojo aspectos culturais, constituintes, portanto, de uma identidade cultural (HALL, 1998).

Como possibilitar ou colaborar para que esse desenvolvimento estético aconteça? Existem estágios de leitura da obra de arte que, segundo as análises de Rossi, embasadas pelas pesquisas de Housen e Parsons, não serão alcançados necessariamente em idade escolar. Serão alcançados, como já foi dito, a partir da frequência e do contato com as obras de arte, juntamente com os conhecimentos e vivências de cada um, às vezes em idade adulta avançada.

Por isso destaco aqui a condição de ter sido levado a uma exposição de arte quando estudante, de ter sido conduzido até lá e, de alguma forma, ter sido ajudado a acessar aquele espaço e aquelas obras. Nesse sentido, é necessário destacar a importância da intervenção da escola na formação dos alunos ao promover essa condução durante o período da infância ou da adolescência. A escola cumpre – ou deveria cumprir – esse papel fundamental na vida dos alunos, pois, muitas das vezes, é a partir dela e da sua inserção nos mais diversos ambientes culturais e sociais que esses alunos terão o primeiro contato com uma exposição de arte contemporânea ou uma apresentação teatral, por exemplo. Ao conduzi-los a esses diferentes lugares a escola torna acessíveis situações e experiências que, sozinhos,

talvez não tivessem, e lhes proporciona condições para que se desenvolvam, entre outras formas, nos estágios do desenvolvimento estético.

A partir desse exemplo, tanto a instituição que proporciona o deslocamento quanto a que recebe o grupo está possibilitando o desenvolvimento da experiência estética, permitindo que o sujeito estabeleça com a obra de arte uma relação que vá além do simples gostar ou achar bonito. A experiência estética é o que possibilita a construção de sentido a partir dos elementos simbólicos presentes nas obras, ou ainda, é o que possibilita chegar ao conhecimento pelos sentidos. “Atualmente [...] se reconhece o momento de conexão direta com uma obra de arte como uma experiência estética fundamental e fundadora de outras formas de experiência” (MEIRA, 1999, p. 131).

Ainda com base no relato da visita à galeria de arte, é possível destacar outros aspectos significativos daquela experiência, tais como: o conhecimento de novas modalidades artísticas; a relação presencial com o objeto de arte; o estranhamento e questionamento perante o novo, o diferente; os aspectos formais e técnicos relacionados às obras.

Ainda que sejam considerados todos os aspectos relevantes dessa experiência, não seria possível afirmar que ela tenha determinado ou influenciado a minha escolha profissional. Mas, provavelmente, sem essa condução, se eu não tivesse sido levado até lá pela professora, talvez nunca tivesse visitado aquela galeria espontaneamente e nunca tivesse registrado essa experiência. Pelo menos não naquele momento da minha vida. Mesmo que existissem na época lugares que proporcionavam acesso público e gratuito a diferentes produtos culturais, e mesmo não sendo tantos quanto os que existem hoje, parece que era – e continua a ser – necessário ensinar que é possível ir, que é possível acessar e usufruir de tais locais.

Não poderia afirmar também que aquela visita foi responsável pelo meu desenvolvimento estético, mas, possivelmente auxiliou nesse processo. Foi uma experiência que me possibilitou outro olhar sobre a produção artística e a linguagem das artes plásticas. Coincidentemente ou não, acabei tornando-me professor... de Arte!

Outras práticas e experiências profissionais – atuação como *monitor*, como *mediador*, ou ainda como organizador e montador de exposições de arte em Porto

Alegre – todas anteriores à docência, permitiram-me acompanhar as transformações do cenário artístico porto alegreense nesses quatorze anos que separam a I Bienal Mercosul da sua oitava edição, agora em 2011.

Convém aqui esclarecer que o termo *monitor* (utilizado pela Bienal do Mercosul nas suas três primeiras edições) além de referir-se à pessoa responsável por conduzir o espectador ou o grupo de espectadores ao longo da exposição, também era utilizado por outras instituições culturais com um sentido mais de *monitoramento* das obras, ou seja, alguém que cuidaria para que nada acontecesse com o acervo ao ser exposto ao público. Essa figura do monitor poderia ainda prestar esclarecimentos sobre as peças ou obras, porém, com um caráter muito mais informativo. No contexto da Bienal do Mercosul, o entendimento geral que se tinha naquele final da década de 1990 era do monitor como a figura responsável por *explicar* a obra de arte exposta.

Já o termo *mediador*, utilizado pela Bienal do Mercosul a partir da quarta edição, traz consigo um caráter de um personagem mais provocador, problematizador nesse contato entre público e obra. Nas últimas edições, especialmente a partir da 6ª Bienal do Mercosul, o termo *mediador* agrega também o sentido de *educador*, daquele profissional capaz de explorar diversas possibilidades para o melhor aproveitamento da experiência do contato com a obra de arte e com a exposição; capaz de “interagir com as demandas dos extremos [público e obra] e outras tantas, construindo um todo significativo” (CHIOVATTO, 2011, p. 64).

A mudança da nomenclatura de monitor para mediador implica em uma modificação de como se percebe essa atividade. “Em arte e em educação, problemas semânticos nunca são apenas semânticos, mas envolvem conceituação” (BARBOSA, 1998 p. 33). De qualquer forma a modificação significa que houve um olhar que percebeu a potência desse espaço de relação entre as pessoas e a arte, e a partir disso, trabalhou-se para qualificar esse espaço e essa relação, transformando mero *acompanhamento cuidadoso* em *potencial experiência educativa*.

Assim como a mudança de nomenclaturas, venho acompanhando diferentes propostas de aproximação às exposições de arte, através dos projetos educativos (mesmo que em outras instituições), participando das formações para professores e levando meus alunos às mostras. Nesse acompanhamento, é possível perceber

mudanças relevantes na abordagem do ensino de arte nas escolas e a importância das exposições de arte e das ações educativas desenvolvidas por elas nesse processo.

E é com essa bagagem que, ao lembrar daquela minha experiência enquanto aluno, fico pensando: que tipo de relação ensino-aprendizagem ocorreu naquele momento? Foi um aprendizado escolar? Era somente um passeio, uma visita? Ou, o que ela proporcionou a mim e a meus colegas foi o que podemos chamar hoje de uma mediação?

Hoje, mais do que tentar encontrar uma definição, acredito que seja a experiência que lá ocorreu o aspecto mais significativo. Principalmente porque a experiência “[...] é o que nos passa, ou o que nos acontece, ou o que nos toca” (LARROSA, 2004, p. 154). Então, é a partir da lembrança do que *me* ocorreu, do que *me* passou naquele momento que é possível estabelecer este relato e as relações trazidas aqui.

Por isso também escolho utilizar a Bienal do Mercosul como referência. Além de ser uma exposição de arte contemporânea com importante trajetória e repercussão no ambiente cultural e educacional sul-rio-grandense, é considerada como um marco divisor de águas a sua primeira edição no ano de 1997. Pode-se dizer que o evento Bienal do Mercosul, a partir da sua existência naquele momento, deu início a um processo que vem se desenvolvendo até hoje, nas suas sete edições subseqüentes.

Sustentado por referências educacionais e do ensino da arte – como a proposta triangular de Ana Mae Barbosa, por exemplo, que está baseada no conhecimento em história da arte, no exercício de leitura da obra de arte e no fazer artístico como sendo os três eixos de sustentação de um ensino de arte com qualidade (BARBOSA, 1999, p. 34) – esse processo de construção de um projeto educativo para a abordagem do conteúdo artístico das exposições da Bienal do Mercosul pode ser considerado como uma virada educativa no ensino das artes visuais em escolas de Porto Alegre e região metropolitana.

Isso, especialmente pelo fato de a obra de arte em sua presença física, material, passar a fazer parte das aulas de arte; não no sentido literal de estar dentro da sala de aula, mas pelo fato de a Bienal possibilitar essa proximidade, essa

acessibilidade às obras de arte para escolas e alunos. A arte pode ser pensada então “[...] como meio de conhecimento pessoal e do entorno social; arte como instrumento ativador de experiências significativas; [...] como instrumento questionador do mundo e da vida [...]” (MIR, 2009, p. 99).

O fato de haver essa *presença* da obra é um diferencial importante no ensino da arte em relação à simples utilização de uma reprodução, de uma fotografia de uma obra de arte, por exemplo.

“Pensar a educação valendo-se da experiência” (LARROSA, 2004, p. 152) parece ser o objetivo que o projeto educativo da Bienal do Mercosul propõe ao desenvolver os aspectos artísticos, relacionais e educacionais que se concentram no processo de mediação. Se considerarmos que a experiência pode ser a forma como damos sentido ao que nos acontece (LARROSA, 2004), é fundamental “[...] pensar sobre o papel do público e sua relação com as obras expostas [...]” (LIMA, 2009, p. 147).

O projeto educativo da Bienal do Mercosul, nesse processo educacional, procura cumprir seu papel investindo na qualidade dessa interação, na intensidade dessa experiência. É necessário, porém, para que a experiência efetivamente ocorra, a participação do sujeito. E Larrosa (2004) caracteriza o sujeito da experiência como alguém exposto, aberto, receptivo, disponível. Também traz a idéia de ser, o próprio sujeito da experiência, um “espaço onde tem lugar os acontecimentos” (LARROSA, 2004, p. 161). Nesse sentido interessa pensar a atividade da mediação proposta pela Bienal do Mercosul como um espaço para o acontecimento da experiência no sujeito.

## 2

## A mediação: uma possibilidade para a experiência do ensino não formal

### A função da arte/1

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando.

Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza.

E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: — Me ajuda a olhar! (GALEANO, 2002)

Ajudar a olhar.

Mais do que ver ou enxergar – algo que pode ser passivo – o olhar dá sentido, atribui significado àquilo que é visto. “Só se vê aquilo que se olha”, nos diz Merleau-Ponty (1980, p.88). Ajudar a olhar poderia ser, então, ajudar a construir um sentido para aquilo que se vê<sup>4</sup>.

“Ver está implicado ao sentido físico da visão”, ao passo que o olhar pressupõe “[...] uma atenção estética, demorada e contemplativa [...]” (TIBURI, 2004, s. p.). Esse olhar demorado, atento, parece mais próximo ao sujeito da experiência do que o ver imediato. Importa aqui esse olhar que contempla, que analisa e que constrói sentido para o que vê. Um olhar que se situa *entre*, que serve como *meio condutor* entre a obra vista e a experiência do sujeito com a obra.

Trazendo para a questão da mediação, e em relação à história apresentada acima, é esse potencial educativo que interessa nesse espaço não formal; essa intervenção que auxilia o contato entre o sujeito e seu objeto de estudo.

O termo “mediação” [...] significa o ato ou efeito de mediar. É uma intervenção, um intermédio. Pode ser visto envolvendo dois pólos que dialogam por meio de um terceiro, um mediador, um medianeiro, o que ou aquele que executa os desígnios de intermediário. Mas, a mediação ganha hoje um caráter rizomático, isto é, num sistema de inter-relações fecundas e complexas que se irradiam entre o objeto de conhecimento, o aprendiz, o

<sup>4</sup> A diferença entre os termos *ver* e *olhar* é abordada de forma distinta por outros autores, às vezes até de forma contrária. Como exemplo de uso contrário ao que é feito aqui, cito o artigo *A educação do olhar no ensino da arte*, de Analice Dutra Pillar, no livro *Inquietações e mudanças no ensino da arte*, organizado por Ana Mae Barbosa (2011, p 72).

Neste trabalho optei por seguir o pensamento de Márcia Tiburi.

professor/monitor/mediador, a cultura, a história, o artista, a instituição cultural, a escola, a manifestação artística, os modos de divulgação, as especificidades dos códigos, materialidades e suportes de cada linguagem artística... Mediação/intervenção que mobiliza buscas, assimilações, transformações, ampliações sensíveis e cognitivas, individuais e coletivas, favorecendo melhores qualidades na humanização dos aprendizes – alunos e professores (MARTINS, 2011. p. 56).

Essa idéia enfatiza a noção de mediação como um momento de contato entre o público e a obra onde, mais do que um lugar de respostas formais e prontas, há um estímulo para que cada pessoa possa exercitar seu intelecto, sua percepção, sua sensibilidade e formar sua própria interpretação. Mais do que encontrar “a” resposta, esse sujeito poderá adentrar no espaço da experiência, que possui como componente fundamental a capacidade de formação e de transformação (LARROSA, 2004, p. 163). Esse processo irá construir referências para futuras leituras, mas principalmente, estará possibilitando que sua relação com outras obras sejam mais ricas de sentido.

A pesquisa realizada nos projetos pedagógicos da Bienal do Mercosul e nos relatórios, permite constatar que esse procedimento da mediação foi – e vem sendo – amplamente utilizado pela Bienal desde a sua primeira edição. Alguns objetivos dos projetos pedagógicos de algumas edições nos servem também para reforçar essa idéia. Podemos destacar os que aqui seguem:

- Familiarizar o público com diversas tendências e produções artísticas; (1ª Bienal do Mercosul, 1997)
- Provocar o interesse do público, sobre o mundo que o cerca e conseqüentemente de si mesmo e do seu potencial transformador de realidade; (1ª Bienal do Mercosul, 1997)
- Ampliar o acesso ao universo da arte para um público diversificado, de modo que estudantes de várias idades, classes sociais, níveis culturais e níveis de ensino possam viver experiências significativas ao se relacionarem com as obras expostas; (2ª Bienal do Mercosul, 1999)
- Criar condições para que os estudantes de todos os níveis visitem a II Bienal Mercosul como parte das suas atividades curriculares e ampliem seus conceitos sobre arte, em geral, e sobre arte contemporânea latino-americana em particular; (2ª Bienal do Mercosul, 1999)
- A obra de arte é a concreção do pensamento do artista, é um objeto, projeto ou ação que não se esgota em si mesma e, sim, tem a qualidade de ser geradora de perguntas e de exercitar a reflexão. A obra de arte é, em uma de suas possibilidades, uma ferramenta que permite uma experiência cognitiva, e que tem a qualidade de ser detonadora de uma série de trocas intelectuais e sensíveis: estéticas, políticas e filosóficas. (7ª bienal do Mercosul, 2009)
- Consideramos o espectador como um ator social, agente ativo e cultural com um potencial próprio para a expressão, a ação e a troca livre de ideias. Cada espectador tem um caudal de informação e uma

experiência tanto individual quanto comunitária que configuram uma inteligência especial em cada um e necessária para o conjunto do grupo social. (7ª bienal do Mercosul, 2009)

Através da Bienal do Mercosul, muitas pessoas estabeleceram seu primeiro contato com obras de arte; tiveram seu olhar orientado, direcionado, ou provocado, questionado. No entanto, além de promover o contato com a obra de arte propriamente dita, parece haver, além dos objetivos acima citados, a preocupação de tornar consistente a atividade da mediação como um espaço de construção de conhecimento sobre arte a partir da troca de idéias e percepções. “Sem uma mediação consciente e competente, em nível de sensibilização, por parte do educador de arte, o diálogo íntimo e profundo com a arte não acontece [...]” (MEIRA, 1999, p. 136).

Então é preciso oferecer, dar acesso, mas também explorar, sensibilizar.

E observar, apreciar, é apenas uma das etapas no processo de apreciação da produção artística e da experiência; é a condição inicial para que a comunicação com a obra aconteça. Para que ocorra,

A experiência, a possibilidade de que algo nos passe ou nos aconteça ou nos toque requer um gesto de interrupção, [...] requer parar para pensar, para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, [...] abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA, 2004, p. 160).

O recurso da mediação, utilizado em exposições de arte contemporânea como a Bienal do Mercosul, promove esse contato e explora ainda outras possibilidades de relações a partir das obras. Em uma visita conduzida por mediadores é possível contar não só com a apreciação das obras, mas também com a contextualização desses produtos culturais e com um momento de experimentação e produção, denominado de *oficina*.

Sendo contemplados esses três elementos – apreciação, contextualização e produção – seria possível considerar que a mediação da Bienal do Mercosul apresenta ou dispõe das condições fundamentais para o desenvolvimento da aprendizagem em arte?

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), na apresentação de suas propostas para o ensino fundamental indicam que “Aprender arte envolve [...] fazer

trabalhos artísticos, apreciar e refletir sobre eles. Envolve, também, conhecer, apreciar e refletir sobre as [...] produções artísticas individuais e coletivas de distintas culturas e épocas” (BRASIL, 1997, p.15).

Interessa nesse trabalho pensar a relação entre a mediação oferecida pela Bienal do Mercosul e o ensino da arte, ou ainda, pensar a Bienal como um espaço de ensino não-formal da arte. Se, segundo os PCN, o conjunto de conteúdos da área de Arte “está articulado dentro do processo de ensino e aprendizagem e explicitado por intermédio de ações em três eixos norteadores: produzir, apreciar e contextualizar” (BRASIL, 1998, p. 49), poderemos pensar então que, por sua atuação educativa durante as exposições, proporcionando contato entre o público e as obras de arte, contextualizando-os em relação a essa produção e estimulando o fazer artístico através de suas oficinas, a Bienal do Mercosul constrói espaços possíveis para educação da arte.

Diferente da escola, que por diversos motivos ainda trata o espaço e o momento da aprendizagem de maneira formal, a Bienal do Mercosul representa um espaço e um momento de ensino bastante diferenciado do tradicional representado pela sala de aula.

A educação não-formal, por poder lidar com outra lógica espaço-temporal, por não necessitar se submeter a um currículo definido *a priori* [...], por dar espaço para receber temas, assuntos, variedades que interessem ou sejam válidos para um público específico naquele determinado momento e que esteja participando de propostas, programas ou projetos nesse campo, faz com que cada trabalho e experimentação sejam únicos. E, por envolver profissionais e frequentadores que podem exercitar e experimentar um outro papel social que não o representado na escola formal (como professores e alunos), contribui com uma nova maneira de lidar com o cotidiano, com os saberes, com a natureza e com a coletividade (VON SIMSON; PARK; FERNANDES, 2007, p.14).

Se considerarmos que, potencialmente, existe aprendizado em qualquer lugar e ao longo de toda a vida, a educação não-formal está presente em diversas instâncias, em diferentes espaços, através de múltiplos agentes. A educação não-formal “[...] é aquela que se aprende ‘no mundo da vida’, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas” (GOHN, 2006, p. 28-29).

Como um ciclo em espiral, através de suas vivências e do sentido que é construído ou atribuído a partir delas, o sujeito terá condições de construir novas experiências e novos entendimentos, mesmo a partir dos mesmos elementos

referenciais. E assim sucessivamente, ampliando sua capacidade de leitura e relação com o mundo. “[...] pela ação sistemática e contínua que se estabelece na relação educação e arte, os alunos vão ampliando olhares, aprofundando diálogos e ações, compreendendo a arte, enfim, constituindo-se em sujeitos estéticos” (COSTA, 2009, p.257).

Ao trabalhar com arte e com educação, ainda que não-formal, a Bienal do Mercosul estimula essa construção. Independente de pensarmos cada edição de forma isolada ou o desenvolvimento de todas as edições ao longo do tempo, de alguma forma a Bienal do Mercosul proporcionou e proporciona interações e relações que os alunos ou o público visitante irão levar consigo e que contribuirão para o seu desenvolvimento. Por algumas características do seu atendimento a tais sujeitos, essa exposição parece ser um espaço privilegiado de ensino não-formal. Permite um tipo de contato com a obra de arte que a escola não tem condições de oferecer, especialmente pela maneira como esta encara a produção artística, sua apresentação e as formas de relacionamento com essa produção, seu ensino. Muitas escolas ainda “vêm a arte como um ‘campo metodológico’ ao invés de um ‘corpo de conhecimentos’” (FERGUSON, 2009, p.35).

Então, enquanto corpo de conhecimentos, mais do que um meio para se realizar determinada atividade, a arte poderá ser encarada como uma forma de pensar, de materializar um pensamento, de construir sentidos através de uma materialidade, de elementos simbólicos, que serão, de alguma forma, lidos pelos espectadores.

A leitura da arte sugerida aqui leva em consideração a ampliação do conceito de *letramento*, a partir da diferenciação entre *alfabetização*, *letramento* e *alfabetismo* proposta por Piccoli (2010), e também que o

[...] alargamento das fronteiras concernentes à explicitação do conceito tem ampliado seu domínio para além da leitura e da escrita, [...] indo em direção a outros tipos de habilidades ou competências como *numeramento*, *letramento digital*, *letramento visual* (PICCOLI, 2010, p. 267).

Dessa forma, entende-se a obra de arte como um texto visual cuja complexidade permite uma diversidade de leituras possíveis.

Esse alargamento dos conceitos de texto, letramento e leitura, também está presente na corrente de estudos denominada *Estudos da Cultura Visual*, que tem

como um dos seus representantes o educador espanhol Fernando Hernández. Segundo ele, o valor e a importância dos Estudos da Cultura Visual estão na busca por “[...] adquirir um ‘alfabetismo visual crítico’ que permita aos aprendizes analisar, interpretar, avaliar e criar a partir da relação entre os saberes que circulam pelos ‘textos’ orais, auditivos, visuais, escritos, [...]” (HERNÁNDEZ, 2009, p. 24).

No intuito de aprofundar esse enfoque educacional e sua relação com os projetos educativos desenvolvidos pela Bienal do Mercosul, bem como alguns aspectos relacionados à leitura de imagens, o próximo capítulo valorizará o componente metafórico presente nas obras de arte e, conseqüentemente, na sua leitura.

## 3

## A obra de arte como metáfora para o ensino da arte

O contato direto com as obras de arte impõe certos desafios no momento da mediação. Como trabalhar com a leitura e a interpretação dessa produção?

Desde a I Bienal do Mercosul essa preocupação esteve presente nos projetos pedagógicos das diferentes edições, mesmo que de diferentes maneiras.

Um aspecto bastante significativo dessa relação com a obra de arte foi abordado por Margarita Kremer durante entrevista, quando indagada sobre conceitos norteadores presentes na elaboração do projeto pedagógico da I Bienal do Mercosul. O primeiro a ser destacado por ela e enfatizado como um dos mais importantes foi a *qualidade metafórica da obra de arte* ou a *competência metafórica da obra de arte*; conceito apresentado naquele momento (1996/1997) pelo professor Bernd Fichtner. Essa noção traz a idéia da obra de arte como um meio, “um instrumento para estabelecer relações com a minha realidade social e também comigo [...]. A obra de arte não tem a ver com objeto modificado, sacralizado e sim um meio para estabelecer relações” (FICHTNER, [1997]).

[...] o núcleo desta qualidade está numa competência metafórica. Cada obra de arte é uma metáfora, dizendo “isso é isto”. E ao mesmo tempo, naturalmente, sabemos que “isto não é isso”.

[...]

A história da arte apresenta, neste sentido, a história da capacidade humana de ver algo como algo novo. Eu considero essa competência uma capacidade fundamental e básica no sentido antropológico presente e viva em cada ser humano não somente em um artista; também no observador da obra de arte (FICHTNER, [1997]).

Aqui nos é apresentada a idéia da participação ativa do espectador no contato com a obra de arte, construindo sua interpretação e chegando, até certo ponto, a recriar a obra a partir da sua percepção.

A título de exemplo desse pensamento (dentre vários possíveis), trago a percepção de Octavio Paz no campo da literatura:

“Cada poesia é uma leitura de uma realidade, e toda leitura de um poema é uma tradução que transforma a poesia do poeta na poesia do leitor” (Apud. LARROSA, 2004, p. 63).

Para que haja a experiência, para que a competência metafórica da obra possa se manifestar é necessário que haja mais do que simples recepção de informações por parte do espectador. Este – o espectador – deve participar ativamente neste processo enquanto leitor, enquanto tradutor das informações de determinada linguagem para dar sentido ao que lê. A possibilidade de “[...] pensar o leitor ou o ouvinte ou o espectador como tradutor (em vez de pensá-lo como receptor de mensagens ou como sujeito da compreensão) enfatiza sua atividade como produtor de novos enunciados” (LARROSA, 2004, p. 144). O que está em jogo aqui é como o sujeito interpreta e compreende as obras de arte.

Não é papel da mediação explicar a obra e a exposição. Não é também sua função principal simplesmente repassar ao espectador informações técnicas e biográficas. Se o valor da mediação está nas experiências proporcionadas aos visitantes, como uma forma de construção de sua própria interpretação, o excesso de informações desconectadas dessas experiências, pode até inviabilizar que elas aconteçam (LARROSA, 2004). Se interessa pensar aqui o potencial educativo da mediação e valorizar o mediador como um educador, então devemos reconhecer que é auxiliando o espectador a fazer sua própria leitura, a produzir suas hipóteses e enunciados que estará atuando de acordo com o nome de sua função.

Retomando o aspecto da competência metafórica da obra de arte, trago uma possibilidade de manifestação do pensamento do professor Bernd Fichtner, através da análise de algumas imagens.

A imagem à direita é um registro da obra intitulada *Excentra*<sup>5</sup>, trabalho do artista Rulfo Alvarez, onde é apresentado



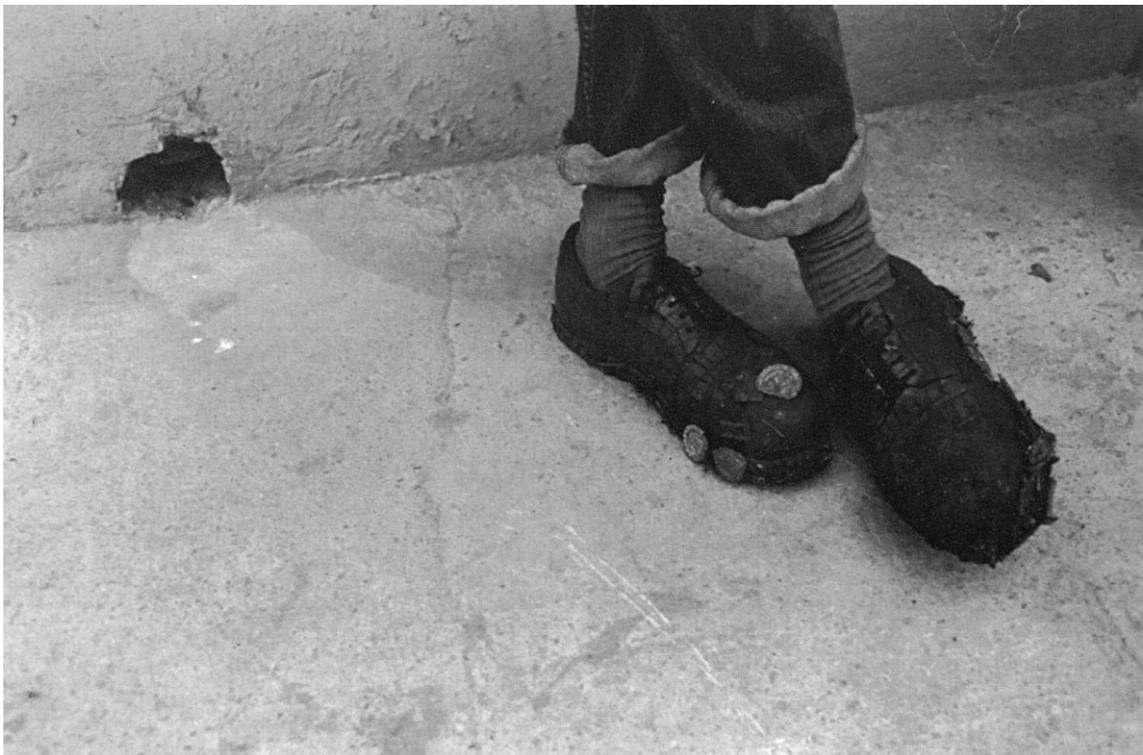
Figura 1 - Rulfo Alvarez, *Excentra*, 2004. 5ª Bienal do Mercosul.

<sup>5</sup> Obra integrante da mostra *Da Escultura à Instalação*, durante a 5ª Bienal do Mercosul, Este trabalho foi apresentado na parte externa dos armazéns do Cais do Porto.

um poste contendo placas nas quais são registrados nomes de cidades que também sediam exposições de arte (bienais, trienais) e suas respectivas distâncias de Porto Alegre, sede da Bienal do Mercosul. As placas, através do seu posicionamento, também indicam a direção onde essas cidades estariam situadas em relação à capital gaúcha. Com sua existência, ao mesmo tempo informam que *aqui* existe e convidam (incitam) o espectador a deslocar-se naquelas direções.

A segunda imagem, um registro estático de uma ação captada em vídeo denominada *Zapatos Magnéticos*, do artista Francis Alÿs, mostra uma pessoa calçando sapatos adaptados com ímãs que, ao realizar um percurso a pé pela cidade, agrega objetos metálicos à medida que caminha.

Entre diversas leituras possíveis, permite fazer comparações, metáforas, sobre a caminhada de cada um, onde cada passo, cada vivência, agrega nova experiência, novo valor àquela vida. Ao mesmo tempo em que não é possível atrair moedas ou outros objetos metálicos ficando parado, pode-se pensar que tão mais enriquecedoras serão as experiências do sujeito conforme a diversidade dos seus trajetos.



**Figura 2** - Francis Alÿs, *Zapatos Magnéticos*, La Habana, 1994. 4ª Bienal do Mercosul.

Ambas imagens permitem referências à idéia de deslocamento ou de percurso. Numa delas há indicação de direções e distâncias, como que indicando por onde ir e, ao mesmo tempo, informando o quão longe ou perto se está em relação a outros lugares. Em outra há a idéia de trajetória percorrida, de caminhada realizada e a valorização de um provável resultado desta caminhada.

Ambas são significativas para se pensar a participação do sujeito observador durante a relação com a obra. Mas a idéia de deslocamento aqui apresentada está muito mais relacionada com uma viagem interna, aos seus pensamentos e conhecimentos, do que propriamente com o percurso físico. A idéia de deslocamento que se quer abordar leva em consideração o sujeito envolvido na experiência com a obra, aquele que está em processo de construção de um pensamento ou de uma leitura; aquele que realiza um percurso mental capaz de conexões diversas.

Então, pode-se pensar no sujeito como uma espécie de ambiente – simbolicamente falando – onde se dão esses deslocamentos, o que permite uma aproximação à idéia de que “[...] o sujeito da experiência é sobretudo o espaço onde tem lugar os acontecimentos.” (LARROSA, 2004, p. 161)

A partir da noção do sujeito como um lugar onde as coisas acontecem – ou aonde chegam, ou por onde passam – no próximo capítulo se aprofundará a idéia de deslocamento, também no sentido não físico, também não no espaço da exposição, mas um deslocamento que se refere ao momento da mediação, à valorização dos elementos constituintes desse contato entre público e obra.

## 4

**Apoio diretivo**

Os projetos pedagógicos da Bienal do Mercosul, ao longo das suas edições e dos processos de construção das suas propostas de mediação, passaram por diversos momentos e diferentes enfoques. Cada edição, conforme o projeto curatorial ou conforme as obras expostas, buscou desenvolver propostas de ação educativa adequadas às suas intenções.

Se nas primeiras edições, esse aspecto sazonal era mais evidente, ou seja, projetos pedagógicos pensados de forma estanque e sem vínculo com as edições subseqüentes, submetidos e vinculados aos projetos curatoriais de cada edição, esse panorama se transforma – como resultado de mudanças gestadas desde a 4ª Bienal – a partir da 6ª Bienal do Mercosul. Com a criação da curadoria pedagógica, tendo a participação de um curador pedagógico que pensa a mostra a partir desse enfoque educativo e em conjunto com a curadoria geral, e ainda, com o desenvolvimento das atividades da Bienal para além dos dois meses de exposição através de formação continuada e atividades paralelas, hoje há uma repercussão ainda maior desses projetos. É também fundamental para a transformação desse panorama a expansão do atendimento da Bienal do Mercosul, antes restrito à exposição em Porto Alegre, e agora com o desenvolvimento de projetos em cidades do interior do Rio Grande do Sul. Há ainda o projeto *Vivências na Escola*, que consiste em proporcionar o contato entre mediadores em processo de formação e alunos da rede municipal de ensino de Porto Alegre, antes da abertura da mostra, diretamente nas escolas, para que sejam desenvolvidas atividades preparatórias a partir de temáticas ou propostas dessa exposição em âmbito escolar.

Mesmo com todas as diferenças intrínsecas a cada projeto educativo, seria possível perceber unidade entre eles? Seria essa unidade a preocupação em atender o público, em dar acesso às obras, em auxiliar nesse contato entre público e obra?

Uma imagem que nos possibilita algumas reflexões sobre a unidade desses procedimentos ou algo que os aproxime em termos conceituais é trazida por Margarita Kremer:

“[...] uma obra que eu me apropriei para poder formar o público, os professores, para fazer encontros na Secretaria de Educação, que se chama *Apoio Diretivo*; e é uma bengala com uma bússola na ponta. E isso para mim [...] é o essencial e fundamental para qualquer ação educativa. Se não há um apoio e uma direção clara, onde queremos chegar, não tem como nada acontecer em bom *termo* e chegar a um bom *termo*.” (informação verbal)<sup>6</sup>

Trata-se então, como já dito acima, da obra intitulada *Apoio Diretivo*, do artista Marcelo Scalzo (figura 3)<sup>7</sup>. A obra consta de um objeto, ou melhor, da junção de dois objetos: uma bengala e uma bússola. Inicialmente, apenas isso.

Não há como afirmar que o sentido ou a intenção do artista fosse abordar ou ilustrar o conceito de mediação. Porém, Margarita se utiliza da competência metafórica desta obra para estabelecer uma série de relações envolvendo sua leitura da imagem com uma possível aplicação em um determinado contexto artístico-educacional.

Seria possível afirmar que o conceito da obra passou a representar um apoio diretivo para o projeto educativo da Bienal do Mercosul?

#### 4.1. Isso como isto...

O que temos é uma bengala e uma bússola.

O que transforma esses objetos em obra de arte? O fato de estarem juntos? A forma como foram unidos? Fazer parte de uma exposição de arte? Alguém ter dito que é uma obra de arte?

Não nos deteremos nesta questão pois não é o propósito deste



Figura 3 - Marcelo Scalzo, *Apoio Diretivo*, 1998.

<sup>6</sup> Margarita Kremer em entrevista a Adriano Sempé Pedroso, realizada em sua residência em Porto Alegre, no dia 24 de junho de 2011.

<sup>7</sup> A obra em questão não foi apresentada na terceira Bienal. Ela foi acessada através do dossiê do artista e incorporada - *apropriada*, nas palavras da coordenadora – pela equipe do projeto educativo daquela edição. Marcelo Scalzo apresentou na ocasião a instalação intitulada *Intenções suspensivas*, de 1998, nos containers do Espaço Pôr-do-Sol, 3ª Bienal do Mercosul, 2001.

trabalho pensar o que constitui uma obra de arte. No entanto cabe perguntar onde está, na obra ou mesmo na imagem (figura 3), a idéia de mediação?

Está no seu potencial metafórico, diria-nos Bernd Fichtner, considerando “isso como isto”; mas também está na capacidade de percepção de Margarita Kremer e na leitura feita por ela, na associação feita ao contexto no qual estava inserida.

A idéia de a mediação servir como um apoio ao público visitante e de sua intervenção poder indicar um norte está bastante próxima do que aconteceu e ainda acontece em muitas exposições. Mesmo tendo vislumbrado essa relação há cinco Bienais anteriores (3ª edição, em 2001), acredito que ainda se possa utilizá-la para fazer referência a práticas atuais.

Porém, se a bengala apóia, não é ela que proporciona o movimento ao seu condutor. Se a bússola informa pontos referenciais, a pessoa que a detém pode optar por onde seguir. Assim sendo, as

[...] obras expostas, o espaço e seus contextos podem ser os mesmos, mas cada sujeito é um sujeito, cada grupo é único e as inter-relações entre esses agentes produzem significados diversos e específicos. A troca de experiências e a reflexão sobre tais processos são fundamentais (COUTINHO, 2009. p. 178).

A idéia de mediação enquanto um referencial, enquanto colaboração no processo de contato do espectador com a obra ou com a exposição, seus limites, funções e características, vem sendo bastante discutida e pensada por educadores e pesquisadores. Em geral, esses profissionais posicionam-se contra o que ocorre quando os visitantes esperam ter seu percurso em uma exposição literalmente conduzido ou a leitura de determinada obra direcionada pelo mediador, sem qualquer participação sua.

Espera-se cada vez mais

[...] um público que atue diante do que vê, mas que seja tocado para viver uma experiência de deslocamento, deixando de ser apenas expectador para “assumir-se” um sujeito que reconstrói, por seus saberes e suas referências, o próprio trabalho do artista, como co-autor. Pensamos naquele que vê não mais como espectador, e sim participante e responsável “pela existência do trabalho do artista” (LIMA, 2009. p. 147).

Esse protagonismo do visitante durante sua presença na exposição tem sido valorizado há algum tempo. No contexto da Bienal do Mercosul, é possível destacar de forma rápida e a título de exemplo a valorização do visitante escavador de sentidos em busca de respostas, dentro de um contexto onde a arte não responde,

não está ali para dar respostas ao espectador, mas sim pergunta, indaga, provocando e instigando-o a realizar uma expedição em busca de suas próprias respostas (4ª Bienal do Mercosul, 2003). Acredito que esse procedimento de estímulo à participação do visitante – em especial o visitante escolar – além de permitir que ele construa relações subjetivas a partir da exposição, abre espaço para a construção de conhecimentos em arte, e objetiva a educação não-formal, ao colocar sob responsabilidade desse sujeito a construção da sua própria trajetória, seja na mostra, na escola, ou nos demais ambientes sociais.

Outro momento onde se percebe valorização da participação efetiva do espectador em um projeto educativo e curatorial da Bienal do Mercosul se dá na sexta edição, através da metáfora da *terceira margem do rio*. Aproveitamos esse exemplo para demonstrar que a competência metafórica e sua utilização no contexto da Bienal do Mercosul vai além da leitura da obra de arte e vem a ser utilizada também nas abordagens dos projetos pedagógicos e de alguns curadores para descrever a relação entre espectador e obra. A partir do conto *A terceira margem do rio*, de João Guimarães Rosa, o curador da 6ª Bienal do Mercosul, Gabriel Pérez-Barreiro, define o conceito principal do projeto educativo e da mediação para a mostra daquele ano (2007). E essa metáfora, por sua potência, por sua *competência metafórica*, acaba permanecendo como referência válida também para edições e exposições posteriores.

Eis a idéia da terceira margem a partir da reflexão do curador:

Mas como podemos aplicar essa metáfora para falar sobre o público da arte? Se aceitamos que uma obra de arte é uma materialização de intenções do artista, então a idéia é menos uma “apreciação” da obra e mais um uso da obra para poder viajar nessa intenção. Já estamos falando de uma situação de diálogo ativo e não de transmissão passiva. E se levamos isso a sério, é tão importante o espectador quanto o autor. [...] [...] Se pensamos na imagem de alguém olhando uma obra de arte qualquer, o que está acontecendo? Onde está o conteúdo? Acredito que não está nem na obra de arte, que precisa do espectador, nem no espectador, que precisa da obra de arte. Na realidade, é no espaço entre os dois que a comunicação é gerada, nesse espaço aparentemente vazio. A obra é uma margem, e o espectador outra. Os dois precisam ser valorizados para criar a possibilidade da terceira, uma margem que é temporária, ativa, crítica, e por isso, profundamente pedagógica. (PÉREZ-BARREIRO, 2009. p. 109)

A percepção de Pérez-Barreiro sobre esse texto de Guimarães Rosa acaba se tornando semelhante ao diálogo entre Marco Polo e Kublai Khan, na história de Calvino. Ambas abordam, em sentido metafórico, uma relação de interdependência

entre os elementos de uma mediação: o objeto apreciado, o sujeito que observa e a relação entre eles. Em ambos os casos é a relação de interdependência que acaba sendo valorizada. Ou seja, o que é importante em uma mediação não é só o objeto nem só o espectador, mas a relação existente entre eles, a experiência resultante desse contato. Assim como o que é importante na história de Calvino, para que exista a ponte, não é nem só a pedra e nem só o arco. O que sustenta a ponte é o arco, mas o arco sem as pedras não seria possível. O que o curador Pérez-Barreiro propôs é que sem essa terceira margem, sem esse *espaço entre*, não há razão para a existência da mediação em uma mostra como a Bienal. Sem ela, o potencial educativo desse encontro entre arte e público poderá não ter sustentação. Sem ela, talvez não seja possível a experiência.

## 5

**Potencial educativo**

Haverá relação possível entre a metáfora da terceira margem, o conceito de *apoio diretivo* mencionado anteriormente e utilizado por Margarita em 2001, e o conceito da *competência metafórica da obra de arte* do professor Fichtner, utilizado como referência na primeira Bienal do Mercosul em 1997?

Creio que seja o potencial educativo desses três pontos de vista o que nos possibilita relacionar: a obra de arte como um elemento simbólico, como um texto capaz de estimular reflexões e relações diversas; a mediação como um instrumento que auxilia na condução dessas reflexões, sendo um elemento provocador e problematizador no contato com a obra; e o contato propriamente dito entre espectador e obra de arte, lugar da experiência para o espectador.

Quando há referência ao *potencial educativo* de algumas características da Bienal do Mercosul não quer dizer que essa Bienal tenha como propósito *ensinar* arte, ou ainda atender a um determinado *currículo*, a determinados *conteúdos* artísticos.

O próprio curador da 8ª Bienal do Mercosul, José Roca, defende o fato de que “uma Bienal não é uma escola de arte” (ROCA, 2011, p. 112), o que permite pensar e propor outras formas de contato com a arte, e outras formas também de repercussões a partir desse contato. Uma exposição como a Bienal pode

[...] cumprir um papel muito importante na educação do olhar, que é função dos museus (e uma Bienal é uma espécie de museu temporário). A partir da sua temporalidade, uma bienal pode cumprir a função de familiarizar o público de um determinado lugar com as imagens e discussões da arte daquele momento. [...] Uma bienal é um museu temporário que beneficia especialmente a imensa maioria que não pode viajar aos centros de arte. Uma bienal constrói um repertório visual no tempo, um acervo de memórias que são o patrimônio artístico da comunidade na qual se insere (ROCA, 2011, p. 112-113).

Nesse sentido, é possível pensar que a mediação pode abrir espaços para relações que são possíveis de se estabelecer para além da arte, ou seja, que ressignifiquem o espaço cotidiano daqueles que visitaram ou visitam a Bienal.

Como uma forma de demonstrar esse aspecto, trago a seguir breves relatos de alguns alunos<sup>8</sup> meus a partir da sua participação em dois momentos da 8ª Bienal do Mercosul. São alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) da Escola Municipal de Ensino Fundamental Grande Oriente do Rio Grande do Sul, no bairro Ruben Berta em Porto Alegre, onde atuo como professor responsável pela disciplina de Arte. Um desses momentos é o Projeto Vivências na Escola, e o outro momento é a visita mediada propriamente dita, em espaços expositivos da Bienal. Nesses dois momentos os alunos destacam aspectos relativos à sua experiência e ao seu contato com as obras.

“Foi diferente, debatemos os assuntos, planejamos projetos, trabalhamos em grupo. [...] não foi uma aula padrão, fugiu da rotina de chegar na aula, sentar e estudar [...]” (C. M.<sup>9</sup> – etapa final da EJA, sobre o projeto Vivências na Escola)

“Para mim, aquela atividade foi um bom jeito de unir nossos colegas e fazer uma coisa diferente na escola, para mostrar algumas coisas que no nosso cotidiano na escola não vemos, não prestamos atenção em certos detalhes.” (C. P. – etapa final da EJA, sobre o projeto Vivências na Escola)

“Estar em um lugar como a Bienal foi muito especial para mim, pois ela me fez parar para questionar algo que jamais teria um dia pensado em questionar, como o tema *até que ponto somos livres? Até onde vai nossa liberdade? Será que nós como cidadãos libertos que somos temos sabido usufruir dessa liberdade?*” (M. R. – etapa final da EJA, sobre visita à Bienal)

“Quando eu puder, vou fazer outras visitas por lá pra entender melhor sobre arte e ficar por dentro do que acontece no mundo dos artistas. Foi uma experiência muito boa.” (G. P. – etapa final da EJA, sobre visita à Bienal)

“Em primeiro lugar, é minha primeira experiência [...] com a Bienal do Mercosul”. (H. T. – etapa final da EJA, sobre visita à Bienal)

“Para mim, a vivência na escola é um verdadeiro aprendizado e o trabalho realizado com este tema foi muito mais que realizar uma tarefa escolar, pois ela nos mostrou que quando nos unimos, somos fortes; e sendo fortes, somos capazes de realizar qualquer coisa, fácil ou difícil.” (M. R. – etapa final da EJA, sobre o projeto Vivências na Escola)

É importante destacar que são alunos de EJA, com idades variadas, mas que, de um modo geral, tiveram seu primeiro contato com uma exposição de arte neste ano de 2011 através da visita à 8ª Bienal do Mercosul.

Dos relatos apresentados, merecem destaque os comentários feitos sobre o conceito de liberdade, a valorização da colaboração e união no grupo, a vontade de

<sup>8</sup> Relatos feitos por escrito como forma de registro de experiências vivenciadas. Com esse grupo, nessa escola, foi desenvolvido o projeto *Escola não vista*, em alusão à exposição da Bienal intitulada *Cidade não vista*, e realizada visita à exposição *Geopoéticas*, no armazém A4 do Cais do Porto.

<sup>9</sup> A fim de preservar a identidade dos alunos foram utilizadas somente as iniciais dos seus nomes.

conhecer mais sobre arte, e a ênfase no fato de ser o primeiro contato com a Bienal do Mercosul.

Por mais que também se trabalhe em busca dessas reflexões em sala de aula, os aspectos destacados pelos alunos acabam sendo possíveis muito mais através do contato com a mediação, ou a partir da complementação da mediação.

A mediação, neste caso, acaba sendo o elemento que potencializa esse contato e essa relação. Problematiza, questiona, desestabiliza, orienta, tira o foco do lugar (olhar) comum. Transforma uma simples visita a uma exposição em um espaço pleno de experiências educacionais.

## Considerações finais

Na introdução deste trabalho foi feito um questionamento sobre o que teria acontecido naquele período de uma hora e meia em contato com obras de arte, durante uma mediação entre obras de arte e seu público. As frases de alunos destacadas no capítulo anterior trazem algumas possibilidades de resposta. A partir delas, podemos pensar que, entre outros aspectos, a mediação proporciona estímulo a um maior conhecimento sobre arte e cultura; ou o reconhecimento de si (enquanto alguém inserido em um determinado grupo social e cultural) e o que isso implica na relação com o outro; ou ainda a reflexão e o aprendizado sobre noções, conceitos e valores fundamentais à vida contemporânea, considerando aspectos locais e globais e suas relações de interdependência na sociedade e no ambiente cultural.

Durante a visita a uma exposição de arte como a Bienal do Mercosul, a mediação estimula aos alunos e visitantes uma percepção diferente sobre o que seja arte e sobre as formas de manifestação e existência dessa linguagem. Permite experiências e conhecimentos sobre arte de uma maneira não-formal, o que talvez os aproxime mais do universo da arte.

Existirão outros motivos para a participação dos alunos em uma mediação na Bienal do Mercosul ou em outras exposições de arte?

Enquanto professor no ensino da arte em escola pública de ensino fundamental, ao conduzir meus alunos a uma mostra como a Bienal do Mercosul, e ao colocar-me de certa forma como um *mediador* desse contato entre eles e a arte, busco oportunizar experiências que, muitas vezes, se não fosse a condução da escola e a oferta da Bienal do Mercosul, talvez eles não tivessem. De certa forma, procuro possibilitar a esses indivíduos caminhos e percursos de acesso à arte, a experiências estéticas, ou à construção de um repertório cultural, através desse contato com a exposição e com as obras; semelhante ao que aconteceu comigo durante o ensino médio e que foi relatado aqui, capítulos antes.

A partir de um relato de Anton Vidokle (2009) sobre a relação do público com a arte, podemos refletir ainda mais sobre a importância da existência de exposições

como a Bienal do Mercosul, dos seus projetos educativos e da mediação disponibilizada aos diversos públicos.

Nesse relato ele nos diz que

[...] Martha Rosler observou que o público, no sentido de sujeitos-cidadãos engajados com uma organização política, estava sendo substituído por um tipo de público meramente espectador. Se eu a compreendo corretamente, a diferença está na natureza do engajamento e nas novas possibilidades que o termo permite. Neste sentido, o público espectador é constituído por consumidores de lazer e espetáculo que não têm uma organização política, meios ou interesse em mudar a sociedade [...]. Acredito que isso que Rosler começou a observar nos anos 80 é hoje um fato consumado: enquanto o público espectador de arte cresce enormemente, desaparece o público engajado. [...]. No entanto, enquanto caminhava recentemente pela feira de arte Frieze, em Londres, reparei como essa situação passou a ser uma regra: milhares de peças de arte sendo apresentadas para milhões de pessoas que se moviam entre elas sem que houvesse qualquer relação entre as pessoas e as obras, qualquer noção de como os objetos chegaram lá, o que os unia, o que era aquela exposição, e por que estávamos lá [...] (VIDOKLE, 2009, p. 43).

Por mais que possa existir situação semelhante à descrita acima em exposições como a Bienal do Mercosul – pessoas visitando a mostra sem qualquer noção sobre o que estão vendo – não me parece que isso aconteça como uma regra. Ao contrário – e novamente utilizo como referência as frases dos meus alunos – é com o objetivo de evitar a contemplação alienada, deslocando o valor atribuído à arte como um mero objeto decorativo ou comercial, muito presente no senso comum, para o valor político-cultural desse bem, que existe a mediação.

A Bienal do Mercosul, segundo os objetivos dos seus projetos pedagógicos e de suas propostas curatoriais mais recentes, tem como princípio evitar essa visitação desvinculada da experiência. Obviamente, em função do grande número de público a ser atendido, talvez não seja possível atender a todos os visitantes da mesma maneira.

Ao mesmo tempo, a mediação e suas intervenções não existem para que os alunos se transformem em artistas ou em professores de arte. Mas sim para que, através da experiência, do que *lhes passa*, do que *lhes acontece* (Larrosa, 2004) naquele momento e naquele local, possam ter outras relações com sua vida e com o mundo, com a sociedade e com a cultura onde estão inseridos; e também com a produção artística do seu tempo, podendo ainda aprimorar sua própria expressão e compreensão artísticas, seja nas atividades escolares ou fora do ambiente escolar.

Mas de que forma? De que maneira identificar a repercussão das mediações na vida dos visitantes da Bienal do Mercosul ao longo desses quatorze anos? Seria possível avaliar o resultado de uma mediação ou de uma visita a uma exposição simplesmente através de uma atividade ou de um relato?

A partir dessas questões, as possibilidades de continuidade desse trabalho estariam relacionadas a pesquisar mais sobre as repercussões culturais desses serviços de mediação ao longo desse tempo. Como os sujeitos que tiveram sua formação artístico-cultural mediada pela Bienal do Mercosul relacionam-se com a produção cultural atual? De que forma o aprendizado ocorrido durante o contato com a mediação da Bienal do Mercosul repercute na vida presente desses sujeitos?

São questões que, se respondidas, talvez venham a qualificar ainda mais a validade da mediação e seu lugar de destaque na Bienal do Mercosul.

Mesmo com as pesquisas existentes sobre o tema, já realizadas ou em andamento, é um vasto campo a ser pesquisado e que ainda encontra-se em aberto.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Elizabeth Milititsky. **Diálogo com a Rede Escolar**. Porto Alegre [s. n.], 1999. 17 p. Texto digitado. (2ª Bienal do Mercosul) (Localização no NDP da Fundação Bienal do Mercosul: 004 - caixa 10 / Estante 01 / Prateleira 02).

BARBOSA, Ana Mae (org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2011. 6 ed.

\_\_\_\_\_. **A imagem no ensino da arte**. São Paulo: Perspectiva, 1999. 4 ed.

\_\_\_\_\_. **Tópicos utópicos**. Belo Horizonte : C/Arte, 1998.

BIENAL DO MERCOSUL. **Projeto pedagógico para a I Bienal Mercosul**. [Porto Alegre: s. n.], [1996-1997]. Não paginado. Texto digitado. (localização: NDP da Fundação Bienal do Mercosul).

\_\_\_\_\_. **Inventário dos achados: O olhar do professor-escavador de sentidos**. [Porto Alegre: s. n.], [2003]. 32 p. (Ação educativa – 4ª Bienal do Mercosul).

\_\_\_\_\_. **Curso de mediadores: Artistas em disponibilidade** [Porto Alegre: s. n.], [2009]. 24 p. (7ª Bienal do Mercosul).

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação. Jan/Fev/Mar/Abr 2002 Nº 19, p. 20-28. Disponível em: < <http://educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/n19/n19a03.pdf> > Acesso em: 27/07/2011.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte**. Brasília: MEC/SEF, 1997. 130 p. (Ensino de primeira à quarta série).

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte**. Brasília: MEC/SEF, 1998. 116 p. (Ensino de quinta a oitava séries).

BURNHAM, Rika e KAI-KEE, Elliott. A arte de Ensinar no Museu. In: HELGUERA, Pablo (org.). **Mediação: traçando o território**. Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2011. p. 11-18 (8ª Bienal do Mercosul).

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CAMNITZER, Luis; PÉREZ-BARREIRO, Gabriel; [et al.]. **Arte para a educação / educação para a arte**. Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2009. 400 p. (6ª Bienal do Mercosul).

CHIOVATTO, Milene. O professor mediador. In: HELGUERA, Pablo (org.). **Mediação: traçando o território**. Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2011. p. 61-65 (8ª Bienal do Mercosul).

COSTA, Fabíola C. B. Espaço Estético do Colégio de Aplicação da UFSC: possibilidades de mediação cultural na escola. In: BARBOSA, Ana Mae e COUTINHO, Rejane Galvão (orgs.). **Arte/educação como mediação cultural e social**. São Paulo: UNESP, 2009. p. 237-259.

COSTA, Marisa Vorraber. Estudos Culturais – para além das fronteiras disciplinares. In: COSTA, Marisa Vorraber; VEIGA-NETO, Alfredo; [et al.]. **Estudos culturais em educação**. Porto Alegre: UFRGS, 2004. 2 ed.

COUTINHO, Rejane Galvão. Estratégias de mediação e a abordagem triangular. In: BARBOSA, Ana Mae e COUTINHO, Rejane Galvão (orgs.). **Arte/educação como mediação cultural e social**. São Paulo: UNESP, 2009. p. 171-185.

FERGUSON, Bruce. Arte e Educação. In: CAMNITZER, Luis; PÉREZ-BARREIRO, Gabriel; [et al.]. **Arte para a educação / educação para a arte**. Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2009. p. 29-40 (6ª Bienal do Mercosul).

FICHTNER, Bernd. **O potencial da Arte Contemporânea para o desenvolvimento de um novo tipo de aprendizagem – A obra de arte como um meio na Teoria da Atividade**. [S.l.: s.n.], [1997]. Não paginado. Palestra proferida em 03/07/1997, em Porto Alegre. Texto digitado. (Localização no NDP da Fundação Bienal do Mercosul: caixa 04 – 1997 – 004 – Ação Educativa – Estante01 – Prateleira 01).

FIDELIS, Gaudêncio. **Uma história concisa da Bienal do Mercosul**. Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2005. 395 p. (5ª Bienal do Mercosul).

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Porto Alegre: L&PM, 2002. 9. ed.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: avaliação de políticas públicas em Educação**. Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v14n50/30405.pdf>>. Acesso em: 29/07/2011.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HELGUERA, Pablo (org.). **Mediação: traçando o território**. Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2011. (8ª Bienal do Mercosul).

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da cultura visual: proposta para uma nova narrativa educacional**. Porto Alegre: Mediação, 2009. 2 ed.

LARROSA, Jorge. **Linguagem e educação depois de Babel**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LIMA, Joana D'Arc de Souza. Trocando experiências: In: BARBOSA, Ana Mae e COUTINHO, Rejane Galvão (orgs.). **Arte/educação como mediação cultural e social**. São Paulo: UNESP, 2009. p. 141-159.

MARTINS, Mirian Celeste. Aquecendo uma transformação: atitudes e valores no ensino de Arte. In: BARBOSA, Ana Mae (org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2011. 6 ed. p. 49-60.

MEIRA, Marly Ribeiro. Educação estética, arte e cultura do cotidiano. In: PILLAR, Analice Dutra (org.). **A educação do olhar no ensino das artes**. Porto Alegre: Mediação, 1999. p. 119-140.

MERLEAU-PONTY, Maurice. O olho e o espírito. In: MERLEAU-PONTY, Maurice. **Textos selecionados**. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p. 85-111 (Os Pensadores).

MIR, Carmen Lidón Beltrán. Educação como mediação em centros de arte contemporânea. In: BARBOSA, Ana Mae e COUTINHO, Rejane Galvão (orgs.). **Arte/educação como mediação cultural e social**. São Paulo: UNESP, 2009. p. 85-102.

PÉREZ-BARREIRO, Gabriel. Público para a arte/Arte para o público. In: CAMNITZER, Luis; PÉREZ-BARREIRO, Gabriel; [et al.]. **Arte para a educação / educação para a arte**. Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2009. p. 104-109 (6ª Bienal do Mercosul).

PICCOLI, Luciana. Alfabetizações, Alfabetismos e Letramentos: trajetórias e conceitualizações. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 35, n. 3, p. 257-275, set.-dez., 2010. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/8961> Acesso em: 20/09/2011.

ROCA, José. Duodecálogo. In: HELGUERA, Pablo (org.). **Mediação: traçando o território**. Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2011. p. 111-113 (8ª Bienal do Mercosul).

ROSSI, Maria Helena Wagner. A compreensão do desenvolvimento estético. In: PILLAR, Analice Dutra (org.). **A educação do olhar no ensino das artes**. Porto Alegre: Mediação, 1999. p. 23-35.

TIBURI, Márcia. **Aprender a pensar é descobrir o olhar**. Disponível em: [http://www.artenaescola.org.br/pesquise\\_artigos\\_texto.php?id\\_m=26](http://www.artenaescola.org.br/pesquise_artigos_texto.php?id_m=26). Acesso em: 27/07/2011. [Artigo originalmente publicado pelo Jornal do Margs, edição 103 (setembro/outubro de 2004)].

VERGARA, Luiz Guilherme. Curadoria educativa: Percepção Imaginativa / Consciência do Olhar. In: HELGUERA, Pablo (org.). **Mediação: traçando o território**. Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2011. p. 57-60 (8ª Bienal do Mercosul).

VIDOKLE, Anton. Da exposição para a escola: apontamentos do Unitednationsplaza. In: CAMNITZER, Luis; PÉREZ-BARREIRO, Gabriel; [et al.]. **Arte para a educação / educação para a arte**. Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2009. p. 41-48 (6ª Bienal do Mercosul).

VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes; PARK, Margareth Brandini; FERNANDES, Renata Sieiro. Educação não-formal: um conceito em movimento. In: VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes; [et al.]. **Visões singulares, conversas plurais**. São Paulo: Itaú Cultural, 2007– (Rumos Educação Cultura e Arte, 3) 112 p.

## Anexo I

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO

### *Os Estudos Culturais nos currículos escolares contemporâneos da Educação Básica*

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada a participar de uma pesquisa de cunho acadêmico do Curso de Especialização *Os Estudos Culturais nos currículos escolares contemporâneos da Educação Básica*, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, intitulada *Mediação e ensino da arte: problematizações a partir da experiência da Bienal do Mercosul*, que tem como objetivo principal verificar a relação existente entre mediação e ensino não-formal em arte no contexto da Bienal do Mercosul. O tema escolhido se justifica pela importância do contato com a arte proporcionado pela Bienal do Mercosul enquanto uma experiência significativa e fundamental para a constituição do sujeito.

O trabalho está sendo realizado pelo aluno de especialização Adriano Sempé Pedroso sob a supervisão e orientação da Prof<sup>a</sup> Rossana Della Costa.

Para alcançar os objetivos do estudo será realizada uma entrevista/conversa individual, gravada em áudio, na qual você irá responder a algumas perguntas pré-estabelecidas.

Conforme conversa informal anterior, informamos que, no caso específico deste trabalho, haverá identificação do seu nome nos trechos em que se fizer necessário, como forma de garantir a autoria e veracidade das informações.

Os dados obtidos serão utilizados somente para este estudo, sendo os mesmos armazenados pelo pesquisador sob a supervisão de seu orientador principal durante 5 (cinco) anos e após totalmente destruídos (conforme preconiza a Resolução 196/96).

EU, **Maria Margarita Santi de Kremer**, recebi as informações sobre os objetivos e a importância desta pesquisa de forma clara e concordo em participar do estudo.

Declaro que também fui informada:

- Da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento acerca dos assuntos relacionados a esta pesquisa.
- De que minha participação é voluntária e terei a liberdade de retirar o meu consentimento, a qualquer momento e deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo para a minha vida pessoal e nem para o atendimento prestado a mim.
- Da garantia que os resultados e as informações serão utilizadas somente para fins científicos do presente projeto de pesquisa.

- Sobre o projeto de pesquisa e a forma como será conduzido e que em caso de dúvida ou novas perguntas poderei entrar em contato com o pesquisador: Adriano Sempé Pedroso, telefone (51) 9675 6023, email: [aspedroso@ig.com.br](mailto:aspedroso@ig.com.br) e endereço: Av. Benjamin Constant, nº 1451, ap. 306, bairro Floresta – Porto Alegre.

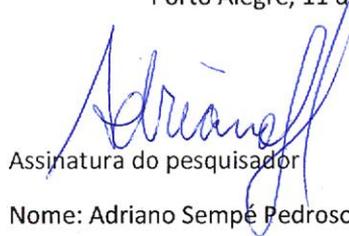
Declaro que recebi cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, ficando outra via com o pesquisador.

Porto Alegre, 11 de novembro de 2011.



Assinatura do sujeito de pesquisa

Nome: Maria Margarita Santi de Kremer



Assinatura do pesquisador

Nome: Adriano Sempé Pedroso